

A CRÍTICA DO "SEGUNDO WITTGENSTEIN" À CONCEPÇÃO ESSENCIALISTA DA LINGUAGEM HUMANA*

The "Second Wittgenstein's" Critique to the Essentialist Conception of Human Language

Daniel Ribeiro de Almeida Chacon**

Resumo

A problematização do presente artigo remete a uma hodierna intriga filosófica, a saber: o problema da fundamentação metafísica da linguagem humana. O objetivo aqui proposto é dissertar acerca dos aspectos fundamentais da crítica realizada nas *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein à tese essencialista da linguagem. Nesse sentido, o esforço aqui despendido para traçar, em linhas gerais, o drama entre metafísica e linguagem em momento algum deve ser interpretado como uma tentativa de construir uma exaustiva análise dessa relação, nem mesmo se pretende realizar uma síntese das *Investigações Filosóficas*. Ainda, o método utilizado neste labor acadêmico é o da revisão bibliográfica.

Palavras-Chave: Linguagem; *Investigações Filosóficas*; Essência.

* Artigo enviado em 04/08/2014 e aprovado para publicação em 04/11/2014.

** Mestrando em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (bolsista pela CAPES); Especialista em Ciências da Religião e em Educação (Inspeção Escolar e Supervisão Escolar) e Licenciado em Pedagogia, ambos pela Faculdade de Educação e Tecnologia - Fetremis; Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília; Bacharelado em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (FATE-BH). Tem atuado como professor no Seminário Batista de Minas Gerais no curso de Bacharel em Teologia.

Abstract

The questioning of this article refers to a present-day philosophical intrigue, namely: the problem of the metaphysical foundation of human language. The proposed objective here is to write about the fundamental aspects of the critique held in the *Philosophical Investigations of Wittgenstein* to the essentialist thesis of language. In this sense, the effort expended here to draw, in general lines, the drama between Metaphysics and Language should not, at any time, be interpreted as an attempt to build a comprehensive analysis of this relationship, nor is there an intention to create a synthesis of *Philosophical Investigations*. Still, the method used in this work is a review of academic literature.

Keywords: Language; *Philosophical Investigations*; Essence.

Introdução

De maneira proficiente, o “segundo” Wittgenstein, especialmente nas *Investigações Filosóficas*, questiona a tese essencialista da linguagem, isto é, a tese que propõe uma fundamentação ontológica como condição de possibilidade da linguagem humana. Para ele, a significação das palavras ocorre no contexto “sócio-prático” em que são utilizadas. Por conseguinte, qualquer esforço de sustentar uma essência que transcenda os signos linguísticos é, segundo Wittgenstein, problemático.

Com efeito, o presente artigo em momento algum deve ser interpretado como uma tentativa de construir uma exaustiva análise crítica das relações entre metafísica e linguagem, nem mesmo pretende-se, aqui, realizar uma síntese das *Investigações Filosóficas*. A pretensão dessa investigação se reduz a uma abordagem introdutória da crítica de Wittgenstein ao problema da relação direta entre linguagem e ontologia. Ainda, o método utilizado neste labor acadêmico é o da revisão bibliográfica.

A crítica à concepção essencialista da linguagem

Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein questiona os pressupostos epistemológicos da concepção essencialista da linguagem, em especial, a ideia de um mundo em si, de uma essência que prescindia da linguagem e que, apenas posteriormente, seria por ela captado.

Segundo esta concepção essencialista, a inteligibilidade presente na comunicação humana pressupõe um fundamento objetivo. Esse fundamento é o que proporcionaria a possibilidade para a unidade de sentido das palavras. Ora, o fundamento objetivo da linguagem que garantiria esta unidade de sentido seria, conforme esta concepção, a essência¹.

Com efeito, a análise da estrutura da linguagem estaria associada a uma investigação ontológica como condição de possibilidade para a comunicação humana. Nesse sentido, as relações estabelecidas no plano discursivo seriam semelhantes às relações que ocorrem na esfera ontológica.

Para o segundo Wittgenstein, a linguagem não é um mero instrumento da comunicação de conteúdos previamente adquiridos, antes a linguagem se constitui como a condição de possibilidade do próprio conhecimento humano. Ainda, nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein questiona o modelo ideal de exatidão da linguagem, ou seja, a correspondência objetiva entre linguagem e mundo. Tal interpretação é, segundo essa obra, inverossímil, pois um ideal de exatidão, desvinculado das situações concretas do uso da linguagem, não possui sentido.

Contrariando a compreensão de que a linguagem é caracterizada por uma identidade estrutural entre o mundo dos fatos e o mundo do pensamento², Wittgenstein, agora, postula que as regras da linguagem não possuem uma relação *pari passu* entre a estrutura do pensamento e a estrutura do mundo.

“Assim, pois, você diz que o acordo entre os homens decide o que é correto e o que é falso?” Correto e falso é o que os homens *dizem*, e na linguagem os homens estão de acordo. Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre o modo de vida³.

Nessa segunda fase do pensamento de Wittgenstein não existem fronteiras definitivas no uso das palavras, ou seja, a significação das palavras não possui um sentido único⁴. Para Wittgenstein a significação das palavras ocorre no contexto “sócio-prático” em que são utilizadas.

¹ Cf. OLIVEIRA, 1996, p.119-122.

² TLP §4.01

³ IF §241

⁴ Mesmo o significado de conceitos característicos das *Investigações Filosóficas*, tais como “jogo de linguagem” e “gramática”, por via, são imprecisos e vagos. Somente o contexto em que são utilizados é capaz de esclarecê-los. Cf. SPANIOL, 1989, p. 83.

Pode-se, para uma grande classe de casos de utilização da palavra significação – se não para todos os casos de sua utilização – explica-la assim: A significação de uma palavra é seu uso na linguagem⁵.

A significação das palavras ocorre na situação concreta da vida em que os homens se comunicam, em outros termos, a linguagem é uma forma de expressão da ação comunicativa interpessoal. No “segundo” Wittgenstein, portanto, a linguagem é “forma de vida” do homem.

A estreita relação entre uso e significação marca o aspecto fundamental da reviravolta linguístico-pragmática nas *Investigações Filosóficas*⁶. Apenas em meio ao contexto sócio-prático é que se estabelece a significação de uma palavra. Com efeito, a análise das significações das palavras não prescinde do contexto global da vida, dos múltiplos contextos do uso das palavras.

Situações diversas, isto é, formas de vida diversas podem gerar significações das mais variadas a uma mesma palavra. Assim, o contexto vital é o “sistema de referência” para o uso e significação das palavras. Por conseguinte, Wittgenstein condiciona as significações linguísticas ao fenômeno social, rompendo, assim, com a clássica concepção de uma significação essencialista das palavras.

Dessa forma, o autor questiona a concepção essencialista que atribui ao conceito de significação uma fundamentação ontológica, ou seja, segundo as *Investigações Filosóficas* qualquer esforço de sustentar uma essência que transcenda os signos linguísticos é inautêntico⁷.

“Quando os filósofos usam uma palavra “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” – e procuram apreender a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na linguagem que ela existe? Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano.”⁸

A linguagem não possui uma essência que possa ser desenvolvida em termos de uma teoria unitária⁹. Ao contrário, Wittgenstein compreende a linguagem enquanto uma complexa atividade de vida. Nesse sentido, ele utiliza a expressão “jogo de

⁵ IF §43

⁶ Cf. CONDÉ, 1998, p. 88-89

⁷ Cf. CONDÉ, 1998, p. 43

⁸ IF §116.

⁹ Cf. GRAYLING, 2002, p. 96.

linguagem”¹⁰ para acentuar que nas diferentes situações concretas da vida, apresentam-se diferentes regras. Com efeito, a partir da situação concreta da vida é que se estabelece os sentidos das construções linguísticas¹¹: “O termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”¹².

A compreensão da linguagem enquanto jogo não visa velar as diferenças entre ambos, antes destaca as numerosas e consideráveis semelhanças latentes entre jogos e linguagem:

Observe p. ex., os processos a que chamamos “jogos”. Tenho em mente os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas, o jogo de bola, os jogos de combate, etc. O que é comum a todos estes jogos? – Não: “tem que haver algo que lhes seja comum, do contrário não se chamariam ‘jogos’” – mas olhe se há algo que seja comum a todos. – Porque, quando olhá-los, você não verá algo que seria comum a todo, mas verá semelhanças, parentescos, aliás, uma boa quantidade deles... E o resultado dessa observação é: vemos uma complicada rede de semelhanças que se sobrepõe umas às outras e se entrecruzam... Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que por meio das palavras ‘semelhanças de família’; pois assim se sobrepõe e se entrecruzam as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família: estaturas, traços fisionômicos, cor dos olhos, andar, temperamento etc. – E eu direi: os ‘jogos’ formam uma família.¹³

As relações entre linguagem e jogo buscam evidenciar a autonomia própria da linguagem. Semelhante à arte que traduz a si mesma, a expressão “jogo de linguagem” ilustra a ideia de que tudo se decide no próprio âmbito da linguagem.

Destarte, nas *Investigações Filosóficas*, a linguagem irrompe como um complexo e ambíguo fenômeno histórico e social fruto da liberdade criativa do ser humano. À vista disso, a linguagem não se reduz a um mero correlato sensível de um ato projetivo da mente, nem sequer tem seu escopo na comunicação do pensamento para outras mentes, nem poderia ser considerada como um mero produto

¹⁰O conceito de linguagem enquanto jogo, que ganhou notoriedade nas *Investigações Filosóficas*, não é uma propriedade exclusiva dessa obra, antes já se encontrara presente na obra *The Blue and Brown Books* (1933-1995). Cf. SIMÕES, 2008, p. 116-117.

¹¹“Chamarei também de “jogos de linguagem” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está ligada”. IF §7.

¹² IF §23.

¹³ IF §66-67.

de um determinado raciocínio, antes, ela é interpretada como parte da própria história natural e social do ser humano.

Considerações finais

O conhecimento verdadeiro foi, por vezes, associado à captação da estrutura ontológica da realidade que, posteriormente, era comunicada na linguagem. A análise da linguagem, em última instância, dependeria, singularmente, da estrutura ontológica da própria realidade, de sorte que, a relação *pari passu* entre linguagem e ontologia se fixaria como a condição de possibilidade da linguagem humana.

O “segundo” Wittgenstein, especialmente nas *Investigações Filosóficas*, questionou a tese essencialista da linguagem. Nessa obra, a significação de uma palavra está diretamente vinculada à sua utilização nas diversas situações e contextos da vida. Por conseguinte, a linguagem é um complexo e ambíguo fenômeno histórico e social.

Destarte, para o “segundo” Wittgenstein, qualquer esforço de sustentar uma essência que transcenda os signos linguísticos e o contexto em que estão situados seria produto de uma mera ilusão metafísica.

Referências Bibliográficas

CONDÉ, Mauro Lúcio. *Wittgenstein linguagens e mundo*. São Paulo: Annablume, 1996.

_____. *As teias da Razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna*. Belo Horizonte: Argumentum: 2004.

GRAYLING, A. C. *Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo A, de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. 3ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SIMÕES, Eduardo. *Wittgenstein e o problema da linguagem*. Belo Horizonte: Argumentum: 2008.

SPANIOL, Werner. *Filosofia e método no segundo Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*, Coleção "Os Pensadores", São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 3ed. São Paulo: EDUSP, 2001.